REFLEXÃO

DOSSIÊ

A religião na pós-modernidade. Uma homenagem a Gianni Vattimo

Editores
Ceci Maria Costa Baptista Mariani, Breno Martins Campos

Conflito de interesses
Não há conflito de interesses.

Recebido
10 maio 2025

Versão Final
24 out. 2025

Aprovado
4 nov. 2025

Violência, Moral e Consciência no contexto pós-moderno: uma reflexão sobre a violência a partir de Gianni Vattimo

Violence, Morality and conscience in the postmodern context: A theological reflection on violence based on Gianni Vattimo

André Luiz Boccato de Almeida[1], Fábio Fernandes dos Santos e Silva[1], Rodrigo Costa Silva[1]

[1] Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção. Programa de Pós-Graduação em Teologia. São Paulo, SP, Brasil. Correspondência para: A. L. B. ALMEIDA. *E-mail*: <a.l.boccato@gmail.com>.

Como citar este artigo: Almeida, A. L. B.; Santos e Silva, F. F.; Silva, R. C. Violência, Moral e Consciência no contexto pós-moderno: uma reflexão sobre a violência a partir de Gianni Vattimo. *Reflexão*, v. 50, e2515548, 2025. https://doi.org/10.24220/2447-6803v50a2025e15548.

Resumo

O presente artigo tem como objetivo abordar o contexto pós-moderno em sua perspectiva sobre a violência, religião, moral e a consciência. O fenômeno da violência acompanha o ser humano desde tempos imemoriais e permanece em suas novas convivências, marcadas pelas experiências de conflitualidade, agressividade e intolerância. Gianni Vattimo é um pensador que realiza uma análise meticulosa sobre a realidade da violência, principalmente em sua relação com o retorno do religioso e a crise civilizacional, caracterizada como pós-modernidade. Assim, este artigo, propõe-se analisar a questão da violência no contexto da religião e da moralidade humana, buscando perceber "teologicamente" e a partir das contribuições de Vattimo, como lançar luz sobre a realidade complexa da violência, e a contribuição que o cristianismo e as religiões em geral podem dar para a superação desse problema. Será analisado a partir de três momentos; no primeiro, se apresentará a violência no atual contexto; depois, a noção de religião e violência a partir de Vattimo; por fim, a tolerância como categoria teológico-moral diante da violência em meio à violência no contexto pós-moderno.

Palavras-chave: Conflito. Moralidade. *Pensiero deboli*. Religião. Teologia.

Abstract

This article aims to address the postmodern context from its perspective on violence, religion, morality and conscience. The phenomenon of violence has accompanied human beings since time immemorial and remains in their new coexistence, marked by experiences of conflict, aggression and difficulties in tolerance. Gianni Vattimo is a thinker who carries out a meticulous analysis of the reality of violence, mainly in its relation to the return of religion and the civilizational crisis,

CC BY

characterized as postmodernity. Thus, this article proposes to analyze the issue of violence in the context of religion and human morality, seeking to perceive "theologically" and based on Vattimo's contributions, how to shed light on the complex reality of violence, and the contribution that Christianity and religions in general can make to overcoming this problem. It will be analyzed from three moments: in the first, violence in the current context will be presented; then, the notion of religion and violence from Vattimo's perspective; finally, tolerance as a theological-moral category in the face of violence in the midst of violence in the postmodern contex.

***Keywords*:** *Conflict. Morality. Weak thought. Religion. Theology.*

Introdução

A contemporaneidade é marcada pela dissolução dos grandes sistemas, a desconstrução das metanarrativas e a crítica aos valores absolutos, sob os quais se fundamentaram a tradição filosófica ocidental e as grandes instituições sociais, políticas e culturais da civilização moderna. Trata-se de um novo tempo, no qual em*erge* um novo paradigma civilizatório, denominado pós-modernidade ou modernidade tardia. Esse novo modelo não é mais regido por uma verdade forte, pela pretensão do domínio técnico-racionalista, pela imposição de princípios universais, mas por micronarrativas, fragmentos de verdade que enunciam os diversos modos de traduzir o real. Em outras palavras, "falar de pós-moderno é falar, de alguma forma, que o moderno enquanto crença no valor de ser moderno foi superado" (Ferreira, 2015, p. 75).

Se não há verdades absolutas, nem instituições fortes, o novo paradigma civilizatório faz emergir o pluralismo das vivências e interpretações, como seu traço constitutivo: "Em vez da ilusão de atingir os fundamentos absolutos, a pluralidade narrativa ganha lugar, especialmente pela presença da comunicação globalizada" (Ferreira, 2017, p. 19). No entanto esse mesmo pluralismo da época atual apresenta dois subprodutos antagônicos: o relativismo e fundamentalismo. Ao mesmo tempo que a pós-modernidade faz emergir o caráter plural e dialogal da verdade, fomentando o exercício da liberdade democrática, a promoção dos direitos humanos e a circularidade da informação, também apresenta tendências absolutas e totalitárias, que frequentemente desembocam na violência, na intolerância ao pluralismo, no cerceamento da liberdade, na manipulação das informações e no aumento das desigualdades.

É nesse efeito paradoxal do paradigma pós-moderno que se situa o fenômeno da violência, pois "ao acentuar dissonâncias cognitivas, o pluralismo provoca em indivíduos ou grupos um sentimento de insegurança significativamente ameaçador para a plausibilidade de sua inserção no mundo" (Teixeira, 2010, p. 13). Longe de ter sido superada, a violência na sociedade atual, apresenta-se em maior complexidade, exigindo outras abordagens para sua compreensão e superação.

Dentre os pensadores que se debruçaram a lançar luzes sobre a mudança paradigmática representada pela pós-modernidade, destaca-se a proposta do filósofo italiano Gianni Vattimo (1996-2023). Enquanto filósofo crítico, ele pensa o fenômeno da violência em sua relação com a metafisica clássica, que para ele foi legitimadora de discursos e práticas violentas, dado sua pretensão objetivista e totalizadora da verdade. Vattimo também analisa a relação violência e religião, sobretudo levando em consideração o "retorno do religioso" da época atual. Para o filósofo, esse tempo pode ser a grande oportunidade para o resgate do papel da religião na construção dos consensos e na formação de uma consciência plural e tolerante.

Esta reflexão será aprofundada a partir de três partes. Na primeira, será apresentada uma visão geral sobre a violência no atual contexto contemporâneo. Na segunda, buscar-se-á entender o modo como Vattimo analisa o fenômeno da violência em seu pensamento e obras; por fim, será refletido sobre o específico teológico-moral da violência e suas implicações no contexto da fé cristã.

A violência no atual contexto contemporâneo: sentidos e perspectivas

É sabido que a temática da violência é de grande complexidade, são inúmeras as perspectivas de abordagem sobre esse fenômeno, o que exige uma boa delimitação do tema. No atual contexto contemporâneo a violência está presente em todas as esferas da vida social e de diversos modos. A temática é de grande desafio, uma vez que a realidade mostra como ainda se está distante a superação das diversas formas de violência.

Segundo a Organização Mundial da Saúde, a violência pode ser definida como o "uso intencional da força ou poder em uma forma de ameaça ou efetivamente, contra si mesmo, outra pessoa, grupo ou comunidade, que ocasiona ou tem grandes probabilidades de ocasionar lesão, morte, dano psíquico, alterações ou privações" (Organização Mundial da Saúde, 2024). Enquanto realidade humana, faz-se necessário conhecer e analisar os mecanismos geradores da violência, a fim de conceber estratégias para sua superação. Neste sentido, lembra Boccato: "A violência é uma realidade humana que acompanha a história desde os inícios da civilização humana. Como o conflito é uma condição inerente ao ser humano, a violência pode ser compreendida em sua "gramática" própria na complexa teia de relações conscientes ou não do envolvimento humano" (Almeida, 2024, p. 108).

Se tem estudado muito nos últimos anos, no campo da saúde, o complexo problema da violência. Assim, a violência também é compreendida como um problema de saúde pública e pode ser definida como Minayo e Souza o fizeram: "Qualquer ação intencional, perpetrada por indivíduo, grupo, instituição, classes ou nações dirigidas a outrem, que cause prejuízos, danos físicos, sociais, psicológicos e (ou) espirituais" (Minayo; Souza, 1998, p. 525) Já para Santos "a violência configura-se como um dispositivo de controle aberto e contínuo, ou seja, a relação social caracterizada pelo uso real ou virtual da coerção que impede o reconhecimento do outro" (Santos, 1996, p. 290). Não reconhecer o outro naquilo que ele é, por si mesmo já designa um ato de violência. E geralmente este não reconhecimento acontece por motivos de classe, gênero, opções pessoais, entre outros.

No atual contexto contemporâneo vê-se com clareza a violência no tecido social. Sociedades amedrontadas pela violência urbana (assaltos, assassínios, sequestros), guerras absurdas em alguns países, violência de gênero, discriminação, racismo, abusos contra a mulher, crianças e idosos, assédio moral, injustiças sociais, corrupção etc. A violência tem rostos e formas, e são diversos. E ela sempre aparece na perspectiva da negação do outro, do valor e da dignidade do outro. Seja qual for o rosto da violência ela é sempre atentada à dignidade do outro. A violência aparece como absurdo.

Enquanto negação do outro, parece contraditório falar de violência dentro da simbólica religiosa, uma vez que a religião deve ser canal de propagação de valores fundamentais como respeito, tolerância, diálogo. No entanto, as relações entre religião e violência são próximas. Cada vez mais se vê discursos de ódio em ambientes religiosos, intolerância, tentativa de opressão e domínio etc. Dessa forma, se faz urgente refletir sobre tais cenários, com o intuito de construir hipótese que conduzam a redução ou resolução de tais enfrentamentos. Lembra o Evangelho: "Desde o tempo de João Batista até agora, o Reino do Céu tem sido objeto de violência e os violentos apoderam-se dele à força" (*Mt* 11, 12). Os violentos expressam o mal. Assim, também a violência é expressão do mal presente na história.

O ser humano é marcado pelo tempo e pela degeneração: todos nascem, crescem e inevitavelmente morrem. Isto é condição intrínseca à humanidade: o ser humano está a caminho da morte. Para algumas pessoas esse fim da vida é antecipado: mortes prematuras, acidentes, doenças graves, tragédias de grande proporção. Tais situações perante a morte causam espanto

e perplexidade. Também outros males que acometem a vida das pessoas: miséria, injustiça, perseguições, angústias etc. Assim, é comum tais questões humanas: qual a razão da morte e do sofrimento? O que é o mal? O que fazer e ou como agir perante o mal? como superar a violência em cada uma de suas expressões?

O século XX, foi sob alguns pontos de vista, um século terrível; e o ainda século XXI, apresentou vários momentos marcantes de dor e sofrimento, impossível não lembrar a grande pandemia do COVID 19, que ceifou no mundo inúmeras vidas. O século XX conheceu dois sistemas totalitários brutais, duas guerras mundiais, genocídios, assassinatos em massa de milhões de pessoas, campos de concentração. Juntamente com as diversas aflições corporais, já por si suficientemente difíceis de suportar, existem também aflições emocionais, espirituais, desorientação e falta de sentido da vida. Nesse sentido é que, do ponto de vista filosófico há quem pondera: "Quando secam os oásis utópicos, abre-se um deserto de banalidade e indefinição" (Habermas, 2003, p. 47). Isso quer dizer que também para a teologia parece um grande desafio encontrar sentido para o mal, o sofrimento, a violência.

O papa Francisco em mensagem para o 50º Dia Mundial da Paz, celebrado no dia 1º de janeiro de 2017, falou sobre a violência. O título da mensagem foi "A não-violência: estilo de uma política para a paz". No texto, Francisco recorda que a paz precisa ser construída e que também a cultura da não violência precisa ganhar espaço:

> Almejo a paz a todos e rezo para que a imagem e semelhança de Deus em cada pessoa nos permitam reconhecer-nos mutuamente como dons sagrados com uma dignidade imensa Sobretudo nas situações de conflito, respeitemos esta 'dignidade mais profunda' e façamos da não-violência ativa o nosso estilo de vida [...] Sejam a caridade e a não-violência a guiar o modo como nos tratamos uns aos outros nas relações interpessoais, sociais e internacionais. Quando sabem resistir à tentação da vingança, as vítimas da violência podem ser os protagonistas mais credíveis de processos não-violentos de construção da paz (Francisco, 2017).

Enquanto o papa Francisco sugere constantemente os caminhos de paz, respeito, diálogo, também crescem os discursos agressivos entre católicos e outros cristãos. São posturas de violência e intolerância que merecem atenção. A intolerância é uma forma de violência. Ser intolerante é ser violento, como recorda a etimologia do termo "intolerância" do verbo latino *tolerare* (suportar, aceitar). O prefixo *in* - indica a negatividade, portanto, "intolerar" significa não aceitar alguém ou alguma coisa em nome de uma verdade absoluta. É a certeza de estar de posse de uma verdade absoluta, que se procura impor por anuência ou repressão. A repressão está presente em grupos religiosos fundamentalistas e conservadores.

Enquanto a sociedade atual se mostra cada vez mais diversa e plural, a postura intolerante vai na contramão da realidade. Neste sentido, é uma negação do real, que é plural. Para Passos (2017, p. 1): "A intolerância nega a alteridade como realidade ontológica, política e ética a partir da qual a sociedade moderna constrói seus parâmetros de convivência nos mais diversos aspectos". E como fruto das posturas intolerantes surge o preconceito contra o diferente. Na religião o preconceito aparece sustentado muitas vezes por um discurso moralista e vazio de sentido. Ainda segundo Passos, a intolerância se encaixa em um sistema de manutenção legitimador que se articula como razão (fundamentalismo), como organização (sectarismo), como postura (fanatismo) e como finalidade (exclusivismo).

Também hoje uma forma de expressão da violência presente na religião é o domínio do outro por meio de discursos que colocam medo e aprisionam. Se cria um medo do inferno, medo do castigo, usa-se de imagens de um Deus castigador, para a garantia do *status* religioso. Como

dizia Certeau (1980, p. 123): "a grande tragédia do nosso tempo é a do real fabricado". Se deixa de lado a verdade para ir para o campo das manipulações que geram ansiedade e inseguranças. A manipulação religiosa é uma violência que distorce a percepção da realidade dificultando o acesso a experiências autênticas e levam a um estado de alienação: "Eu faço porque o líder religioso mandou". Há aqui uma violência simbólica.

Bourdieu desenvolve bem o conceito de violência simbólica, ele lembra que essa violência aparece na desigualdade de poder entre grupos na sociedade, inclusive grupos religiosos. O indivíduo se posiciona seguindo critérios do discurso que está dominante. Lembra ele: "violência se manifesta quando o indivíduo aceita e valida o poder desse discurso hegemônico" (Bordieu, 2021, p 9). De igual modo, Xavier (2024, p. 7) ao falar sobre a chamada teologia do domínio: "No uso deliberado da teologia do domínio e de todos os matizes fundamentalistas, a imaginação não se torna apenas o lugar da violência, mas também, como diz o ditado 'a louca da casa'. Ao imaginar e decretar uma batalha espiritual, essa teologia constrói um conjunto de representações que legitimam e ampliam a dominação".

Uma importante chave de leitura para a compreensão do fenômeno da violência, que aparece em termos de fundamentalismo a intolerância, foi apresentada pelo pensador italiano Gianni Vattimo. Ele concebe a violência intimamente associada ao sistema metafísico, identificado como as grandes narrativas que acompanharam o desenvolvimento da ciência, da técnica e da organização social moderna. Acontece que esses grandes discursos acabaram por criar realidades e discursos totalizantes, nas quais toda pluralidade é negada ou suprimida (Vattimo, 2012, p. 136). O ideal de verdade-totalidade perpassa a história do pensamento, chegando ao seu ápice no século XX, com a sofisticação técnico-cientifica à serviço da destruição em massa. Vattimo amplia essa associação entre metafísica e violência também para o fenômeno religioso, amplamente presente no tecido social. Embora sua análise seja restrita ao cristianismo, já que se trata de pensar a pós-modernidade no Ocidente, o filósofo de Turim pensa que as religiões de modo geral, na medida em que se fundamentam em estruturas sagradas, que se arrogam de uma pretensão de verdade e se colocam como mediadoras da salvação, acabam por desembocar e totalitarismos e fundamentalismos (Vattimo, 2016, p. 58).

Após esse breve percurso, no qual buscamos abordar o complexo fenômeno da violência no contexto atual a partir da realidade da intolerância, vimos o quanto é necessário e urgente um bom entendimento sobre os seus sentidos e perspectivas, uma vez que disso depende a luta pela construção da paz e da não-violência. Muitos autores abordaram a problemática da violência em seus diversos aspectos. Conforme já enunciamos acima, na parte seguinte, aprofundaremos a análise da questão da violência em suas relações com a religião, a partir das contribuições do filósofo italiano Gianni Vattimo. Ele é um pensador que faz uma análise meticulosa sobre a realidade da violência, principalmente na crise civilizacional, caracterizada como pós-modernidade. Vattimo lança luzes importantes sobre o fenômeno da violência no contexto atual.

Religião e violência a partir de Gianni Vattimo

O percurso apresentado no tópico anterior mostrou o quanto o fenômeno da violência na época atual se apresenta complexo e multifacetado, perpassando desde o nível micro das relações interpessoais até o nível macro das instituições e da organização social. O recorte a que este artigo se propõe diz respeito a análise do fenômeno da violência em sua relação com a religião. Para isso tomaremos a reflexão do filósofo italiano Gianni Vattimo (1936-2023), importante expoente

do pensamento pós-moderno e iniciador da corrente filosófica do *pensiero debole* (pensamento enfraquecido)[2]. Vattimo apresenta em suas obras *Crer que se crê* (1996) e *Depois da Cristandade* (2002) uma significativa contribuição para a filosofia da religião, pensando o "retorno" da religião na atualidade a partir da categoria "secularização", definida pelo filósofo como "um traço constitutivo de uma experiência religiosa autêntica" (Vattimo, 2018, p. 9).

O pensamento vattimiano se situa numa perspectiva nietzschiana-heiddegeriana[3], retomando também as contribuições de René Girard e sua teoria sobre o sagrado e a violência, para analisar o fenômeno do retorno da religião. Embora a análise de Gianni Vattimo se restrinja a religião cristã católica, trata-se de pensar de modo mais amplo a oportunidade para as religiões no contexto pós-moderno, bem como sua coexistência pacífica como condição para a construção do bem comum. Pode-se de dizer que a reflexão de Vattimo sobre a religião está inserida no contexto maior de sua crítica a metafisica clássica, na qual denuncia sua pretensão totalizadora de abarcar o real, excluindo tudo o que não se enquadra nessa organização total, fomentando e legitimando a violência. Segundo Von Zuben e Souto (2021, p. 89):

> Para o filósofo italiano, a metafisica é violenta, devido à sua objetividade que se impõe sobre o outro, negando tudo aquilo que está fora de sua delimitação lógica. Com isso, ele percebe que a afirmação dogmática das religiões, quando tratam da verdade, Deus, salvação e outros conceitos, geralmente adotam um raciocínio de exclusão das diferenças. Ele também observa essa exclusão dentro da política mundial, com os esforços estadunidenses por democratizar os países do Oriente Médio.

De acordo com os mesmos autores, por metafísica o filósofo italiano compreende o "sistema de pensamento instaurado sobre a lógica da afirmação da verdade enquanto adequação da coisa ao intelecto e que tem em sua fundamentação o paradigma da objetividade" (Von Zuben; Souto, 2021, p. 89). O paradigma metafisico perpassa toda história do pensamento ocidental, iniciando com o surgimento da filosofia na Grécia antiga, atravessando o período medieval com sua busca de fundamentação da verdade a partir de sistemas lógicos, chegando ao seu ápice com a modernidade, na qual se estabeleceram as bases para o surgimento da racionalidade científica fundada na noção de verdade objetiva. Nessa perspectiva, a religião sob a influência da metafísica, tanto foi responsável pela construção e o reforço de sistemas absolutos, de ordem doutrinal ou moral, quanto foi relegada a uma etapa do desenvolvimento da humanidade a ser superada, em vista do progresso científico e o triunfo da razão.

Acontece que entre os séculos XIX e XX, a racionalidade técnico-científica moderna começou a entrar em crise, seja pelo advento de novos saberes que colocaram em xeque sua pretensão de se erigir como saber único, garantindo a superação de todos os condicionantes que impedem o desenvolvimento da humanidade, seja por se mostrar incapaz de promover o progresso e o emancipacionismo do ser humano, conforme o positivismo e o historicismo previam. A consequência disso foi o desencanto da época atual e a descrença nas metanarrativas filosóficas e religiosas com sua pretensão racionalista de abarcar todo real concebível. Assim, a

[2] Segundo Ferreira (2015, p. 62), o pensamento enfraquecido não prevê uma superação absoluta da metafisica, mas uma redução ou relativização dos sistemas tradicionais da metafísica, isso porque estes se tornaram insuficientes para dar conta da mutabilidade e pluralidade do real. Isso exige a transmutação da ideia de razão e do conceito de verdade, não mais compreendidos de modo absoluto, e a partir de uma perspectiva objetivista, mas a partir do horizonte hermenêutico. O pensamento enfraquecido "auxilia na tomada de consciência mais avançada, de uma humildade epistemológica capaz de enxergar na verdade, sempre seu aspecto de linguagem, de contexto".

[3] Partindo das análises de Nietzsche e Heidegger, Vattimo retoma crítica que ambos os pensadores fazem "à obsessão ocidental da procura de um fundamento último e absoluto, seja na história ou na técnica" (Ferreira, 2015, p. 56), para fundamentar sua leitura da época pós-moderna. Enquanto Nietzsche desmascara a pretensão objetivista da verdade sob a qual se fundamentou todo edifício do pensamento ocidental desde Platão, afirmando que toda verdade é mediada, sendo perpassada por interpretações; Heidegger em seu projeto de desconstrução da ontologia metafísica crítica a confusão entre o ser o ente, o que contribuiu para objetificação e ocultamento do ser e o encobrimento da verdade. Heidegger mostra em suas análises que a verdade nunca se dá de forma total, e que o ser deve ser compreendido como evento que se desvela na história.

pós-modernidade enuncia-se como um efeito colateral da modernidade, visando a superação crítica de seus pressupostos racionalistas, mas sem criar outro sistema totalizador (Vattimo, 2018, p. 18).

Como visto acima, Vattimo parte do niilismo de Nietzsche, com sua tese da "morte de Deus"[4], e da crítica a metafisica levada a cabo por Heidegger com seu projeto de desconstrução da ontologia e afirmação da historicidade do ser compreendido como "evento" e revelação (*Ereignis*), somado as contribuições da filosofia hermenêutica de Gadamer e Luigi Pareyson. O filósofo pensa uma ontologia do enfraquecimento, que não se refere a substituição das estruturas fortes da metafisica pelo niilismo nadificador, porque isso seria alçá-la a posição objetivista da qual se propõe a criticar, mas na rejeição de toda pretensa verdade única e objetiva, na compreensão do ser como evento, situado no tempo, atravessado por constante interpretações. Conforme as palavras do próprio Vattimo, o pensamento enfraquecido não se refere em primeiro lugar a "uma ideia do pensamento mais consciente dos próprios limites, que abandona as pretensões das grandes visões metafisicas, globais, etc., mas, sobretudo, uma teoria do enfraquecimento como caráter constitutivo do ser na época do fim da metafisica" (Vattimo, 2018, p. 25).

Se a época pós-moderna representa a passagem das metanarrativas unitárias para o pluralismo interpretativo, abre-se espaço para o retorno da religião, já que o ideal iluminista e positivista que julgava a religião como etapa a ser superada pelo progresso tecno-científico, bem como a crença historicista no progresso moral e autônomo do ser humano, não se sustentam mais. De igual modo, a crítica ao racionalismo objetivista da ciência moderna, nos permite constatar que não mais é possível encontrar razões filosóficas convincentes que justifiquem a opção pelo ateísmo ou mesmo a rejeição do fenômeno religioso. De acordo com Mac Dowell, Vattimo compreende o retorno da religião na época contemporânea sob a forma de secularização, que se caracteriza pela forte valorização da experiência individual, o desinteresse pelo aspecto doutrinal da fé, e a rejeição da instituição eclesial, vista como autoritária em seu discurso e no exercício do poder (Mac Dowell, 2010, p. 174).

A secularização para o pensamento vattimiano é também compreendida como outra face da modernidade, não circunscrita apenas ao âmbito religioso, mas como um fenômeno que perpassa a sociedade como um todo, pois copertencente a história do Ocidente moderno. A grande novidade da leitura de Gianni Vattimo está em estabelecer um parentesco entre o pensamento enfraquecido e a doutrina cristã, concebendo a secularização não como despedida da religião do ambiente público, mas como um dado interno do próprio cristianismo. Assim, a secularização aparece como vocação constitutiva do cristianismo, na medida em que a afirmação cristã da encarnação kenótica de Deus na história, rompe com o dualismo sagrado/profano, inserindo a relatividade e a possibilidade da interpretação em Deus mesmo (Ferreira, 2015, p. 100). Nesta perspectiva, a secularização é vivida como uma noção positiva, interior ao próprio fato cristão, propiciadora de uma ampla experiência de "dissolução" das estruturas fortes e das metanarrativas. Em outras palavras:

> Secularização como fato positivo significa que a dissolução das estruturas sagradas da sociedade cristã, a passagem a uma ética da autonomia, à laicidade do Estado, a uma literalidade menos rígida na interpretação dos dogmas e dos preceitos, não deve ser entendida como desaparecimento ou despedida do cristianismo, mas como realização mais plena de sua verdade, que é, lembremos, a *kenosis*, o abaixamento de Deus, a desmentida dos traços 'naturais' da divindade (Vattimo, 2018, p. 42).

[4] Evidentemente, a "morte de Deus" anunciada por Nietzsche não se trata da morte do Deus da revelação cristã, mas do "Deus dos filósofos", isto é, Deus enquanto símbolo dos sistemas totalizadores da verdade e da moral elaborados ao longo da história do pensamento ocidental. Conforme Mac Dowell (2010, p. 75): "O Deus que morreu é o Deus da metafísica e das religiões tradicionais, concebido como transcendência e alteridade absolutas, criador todo poderoso do mundo e senhor da história".

Retomando a tese de Girard que concebe uma aproximação entre o sagrado presente nas religiões e a violência sob a categoria do mecanismo mimético, Vattimo busca fundamentar sua leitura de que o cristianismo representa uma novidade no contexto das religiões, com sua radical afirmação da *kénosis* do Filho de Deus, apontando para o enfraquecimento da própria noção de divindade e a denúncia dos mecanismos de violência das religiões sacrificais. De acordo a teoria girardiana, as sociedades se organizam em torno do mecanismo mimético, segundo o qual toda conflitividade e violência de um grupo é canalizada numa vítima, denominada "bode expiatório", visando reestabelecer a harmonia grupal.

Esse mecanismo também está presente na Bíblia no Antigo Testamento, no qual a religião judaica aparece centrada em torno do regime sacrifical, e também no Novo Testamento quando denomina Jesus como sendo a "vítima perfeita", o único capaz de satisfazer as exigências da justiça divina sedenta de vingança. Vattimo observa, porém, em continuidade com Girard que o motivo da encarnação não pode ser reduzido ao tornar-se vítima do Filho de Deus para assim aplacar a ira divina, mas diz respeito ao desvelamento da ligação entre o sagrado e a violência, e sua consequente destruição (Vattimo, 2018).

O filósofo turinense completa essa análise afirmando que essa associação entre o sagrado e a violência aparece também na atribuição de diversas construções conceituais elaboradas pelo pensamento teológico que acentuam a transcendência divina e demarcam a profunda diferença em relação ao ser humano: "Em suma, o Deus violento de Girard, nessa perspectiva, é o deus da metafisica, aquele a quem a metafisica chamou de *ipsum et subsistens*, que sintetiza em si, de forma eminente, todas as características do ser objetivo como ela o concebe" (Vattimo, 2018, p. 31).

A imagem de Deus que o processo de secularização desvela está ancorada no mistério da *kénosis* do Filho de Deus, conforme evocada no hino cristológico de *Fl* 2,5-11[5]. Trata-se "do abaixamento do Deus encarnado, que se esvazia de todo poder para inserir-se nas vicissitudes da história humana" (Mac Dowell, 2010, p. 175). Vattimo pensa a *kénosis* como "o único grande paradoxo e escândalo da religião cristã" (Vattimo, 2018, p. 52). Há um paralelo entre a concepção do ser como evento ou acontecimento da ontologia do enfraquecimento e esse movimento relacional e oblativo do Deus cristão: "Aqui, é o desejo dar-se na história humana, isto é, dar-se na historicidade do *Dasein* que habita a terra" (Von Zuben; Souto, 2021, p. 93).

Os desdobramentos da Revelação do Deus cristão implicam numa revisão da própria noção de Revelação, pois afirmar que pelo movimento kénotico Deus se historiciza, significa compreender a Revelação não como algo já dado, reduzida a uma verdade-objeto, mas como um processo de salvação em andamento, sujeito a uma permanente interpretação. Por outro lado, a categoria *kénosis* rompe com a concepção metafisico-naturalista sobre Deus, pois,

> [...] ultrapassa, por isso, a imagem comum de Deus que possui a psicologia humana, geralmente concebida como transcendência pura, totalmente outro, pai eterno, distante da história humana, abrindo possibilidade de uma categoria que não pode ser construída por um caminho natural, a não ser pelo processo encarnado-revelado (Ferreira, 2015, p. 191).

Outra herança da tradição cristã, consequência dessa nova imagem de Deus é a categoria da *caritas*. O Deus revelado por Jesus Cristo não é o Deus dos filósofos, onipotente e distante da

[5] "Tende em vós o mesmo sentimento de Cristo Jesus: Ele estando na forma de Deus não usou de seu direito de ser tratado como um deus, *mas se despojou, tomando a forma de escravo. Tornando-se semelhante aos homens e reconhecido em seu aspecto como um homem abaixou-se, tornando-se obediente até a morte, à morte sobre uma cruz*. Por isso, Deus soberanamente o elevou e lhe conferiu o nome que está acima de todo nome, a fim de que ao nome de Jesus todo o joelho se dobre nos céus, sobre a terra e sob a terra, e que toda língua proclame que o Senhor é Jesus Cristo para a glória de Deus Pai [Tradução utilizada é a da Bíblia de Jerusalém, glifos nossos].

realidade humana, mas um que Deus se torna profundamente próximo do ser humano, convidando-o a uma relação de amizade com ele. Conforme Vattimo, "o fio condutor da intepretação que Jesus dá ao Antigo Testamento é a nova relação mais intensa de caridade entre Deus e a humanidade, e, por consequência, dos homens entre si" (Vattimo, 2018, p. 45).

Para a perspectiva vattimiana, a redescoberta do princípio da caridade cristã na era secular, impõe a passagem do regime da cristandade, no qual a religião cristã aparece em simbiose com o poder político, constituindo uma estrutura rígida e autoritária, para um autêntico cristianismo despido do seu aparato institucional e doutrinal. Esse cristianismo não-religioso proposto por Vattimo está centrado apenas no núcleo essencial da mensagem evangélica compreendida na categoria caritas, único elemento não secularizável e instância que salvaguarda a identificação de todo sagrado com a violência (Vattimo, 2018).

Conforme Mac Dowell (2010, p. 176), o cristianismo não-religioso destituído de todo aparato eclesial se converte "numa comunidade que vive a caridade e a solidariedade, no respeito das diferenças, o cristianismo poderá realizar efetivamente a utopia de sua vocação de religião universal. No pensamento vattimiano não há mais espaço para a afirmação de verdades absolutas expressas nos dogmas religiosos, pois pela *kénosis* há também um enfraquecimento da verdade compreendida em um sentido forte (*veritas*), relacionada aos sistemas da metafísica, cedendo espaço a verdade traduzida como caritas, elemento fulcral da mensagem cristã.

A verdade identificada como *caritas*, despida de toda pretensão de saber único e totalizador, abre espaço para o reconhecimento do outro através do diálogo e da hermenêutica, favorecendo a busca dos consensos e o surgimento de uma sociedade verdadeiramente fraterna. Em síntese:

> A caritas é uma postura que compreende que o outro está sempre com o uso da razão, mediante suas experiências particulares. O diálogo aparece aqui como fruto da caridade, mas nela também se consuma, já que é impossível determinar a verdade por diálogo. Não há um fechamento de certezas. Há acordos e fusões de horizontes que nos permitem a compreensão de uma nova forma de experienciar e significar a realidade (Von Zuben; Souto, 2021, p. 98).

Na medida em que as categorias cristãs da *kénosis* e da *caritas* nos possibilitam reencontrar o cerne da mensagem cristã, Vattimo argumenta em favor de uma urgente demitologização dos ensinamentos da Igreja e dos conteúdos dogmáticos da doutrina, que em diversos momentos históricos se prestaram a legitimar ideologias e posturas violentas falsificando os fundamentos da mensagem cristã. O filósofo retoma a noção de "demitologização"[6] da teologia protestante de Rudolf Bultmann como alternativa para superar a cristalização dogmática da doutrina e da moral cristãs, e garantir a relevância da mensagem cristã para o contexto pós-moderno: "Parece que o texto evangélico tenha justamente necessidade de uma boa dose de demitologização, de eliminação do mito, para falar de modo sensato ao homem medianamente culto de hoje" (Vattimo, 2018, p. 51).

Segundo o filosofo italiano, essa retórica baseada na dogmatização estaria mais associada a uma compreensão metafisico-naturalista de Deus do que propriamente expressão autêntica da revelação cristã, que tem na *kénosis* o seu grande paradoxo e a pedra de toque para o ato de fé. É porque a própria divindade assume o enfraquecimento, que toda mentalidade natural religiosa deve

[6] No esforço de tornar o querigma cristão relevante para o tempo presente, o teólogo protestante Rudolf Bultmann (1884-1976) propõe um processo de demitologização ou demitização da mensagem cristã cristalizada nos textos dos Evangelhos, utilizando-se dos recursos da exegese e da crítica literária moderna. O empreendimento de Bultmann visava tanto resgatar os elementos fundamentais da mensagem bíblica de sua roupagem e linguagem míticas, consideradas incompreensíveis para o ser humano de hoje, quanto promover uma releitura existencial desses mesmos conteúdos, a fim de que sejam assimilados na vida do ser humano crente (Gibellini, 1998, p. 33).

ser repensada, sem que isso signifique perder o essencial da fé cristã. É também porque a revelação é um processo pedagógico que cresce constantemente rumo a uma plenitude, que a mensagem evangélica é esclarecida e retomada na sua verdade essencial, despojada dos elementos da religiosidade naturalista. Assim a história da salvação deve ser vista como história da interpretação, tal como observa Vattimo (2018, p. 45):

> Não se trata apenas do fato de que, para se salvar, é preciso escutar, entender e aplicar corretamente na própria vida o ensinamento evangélico. A salvação desenvolve-se na história também mediante uma interpretação cada vez mais "verdadeira" das Escrituras, na linha do que acontece na relação entre Jesus e o Antigo Testamento [...] O fio condutor da interpretação que Jesus dá ao Antigo Testamento é a nova relação mais intensa de caridade entre Deus e a humanidade, e também, por consequência dos homens entre si".

Apesar da reflexão de Gianni Vattimo sobre a religião, a secularização e a violência, ter como referência o contexto europeu e estar delimitada a análise do cristianismo em sua vertente católica, o filósofo pensa ser possível aplicá-la, salvaguardando as devidas mudanças, ao entendimento do lugar da religião e da necessária convivência entre as religiões e culturas no contexto globalizado pós-moderno. Assim, o princípio da *kénosis*, que apresenta uma nova imagem da divindade, compreendida a partir da noção de enfraquecimento do ser e liberta dos atributos metafísicos e da violência simbólica incorporados ao longo da história, pode ser tomado como instância crítica para toda formulação doutrinal e discursos religiosos que se pretendam hegemônicos, corroborando com práticas opressoras e relegando ao diferente o silenciamento e o ostracismo.

Por outro lado, o assumir da história operado pela divindade, implica que não pode haver uma separação rígida entre transcendência e imanência, a experiência religiosa autêntica não pode se evadir da realidade concreta na qual se vive, sob pena de desembocar no fundamentalismo e alienação:

> Para Vattimo, portanto, a encarnação de Deus, ou seja, o seu abaixamento ao nível do homem, seu esvaziamento (*Kénosis*), deve ser entendida como a marca de que o Deus não violento é o autêntico Deus que deve ser experienciado pela humanidade como forma de superar o fundamentalismo religioso e a intolerância (Maia; Oliveira, 2021).

De igual modo, o princípio da *caritas* que ressalta o caráter amigável e humanizador do cristianismo, aparece como elemento fomentador de uma nova ética, com forte ênfase na promoção da fraternidade e da democracia na sociedade atual: "[...] essa concepção de Deus abre espaço para uma religiosidade mais tolerante, aberta ao diálogo, que associado ao princípio da caridade, abre-se ao reconhecimento do *outro*, seja religioso ou não religioso, como ser de dignidade e que merece respeito" (Maia; Oliveira, 2021).

Observa-se que, na perspectiva vattimiana, a *caridade* substitui e demitologiza a *veritas*, transformando-a em verdade dialogal. A verdade como *caritas* enunciada pelo cristianismo não está sob o domínio metafisico, mas é abertura, desvelamento e hermenêutica, "que inaugura a abertura ao outro na sua alteridade e por não conceber o ser, portanto, como verdade única, mas como colóquio, conversação, aposta numa direção dialógica, democrática, elegendo a fraternidade como mola cultural exemplar" (Ferreira, 2015, p. 118). Despida de toda pretensão dogmática, e compreendida como algo que se partilha conjuntamente, a *caridade* é o meio que propicia o diálogo interreligioso e o reconhecimento da pluralidade:

> Nesse ambiente, onde reconhecemos a validade de cada cultura e não assumimos uma verdade forte, a violência é diminuída. E se, atingirmos esse estágio, é porque o diálogo inter-religioso está em

> operação. É o diálogo que permite que nos encontremos em outras fronteiras e possamos ter com os outros novas experiências (Von Zuben; Souto, 2021, p. 100).

Após esse breve percurso sobre a crítica da relação entre violência e religião em Gianni Vattimo, é preciso pensar como essa contribuição pode ser traduzida concretamente em práticas não-violentas na sociedade pós-moderna secular. Constata-se que a relevância da religião cristã e das demais expressões religiosas na pós-modernidade não se faz a partir da imposição violenta de uma doutrina, mas da redescoberta e valorização de seu núcleo essencial entendido como caridade e abertura ao outro. Assim, a religião que é uma importante instância para a formação da consciência dos indivíduos pode prestar um grande contributo, apontando caminhos para a ruptura com qualquer discurso ou prática religiosa fundamentados na violência, e estimulando o diálogo e a convivência como importantes ferramentas para a construção de consensos numa sociedade pluralista, chamada a exercitar-se no respeito e na tolerância.

A tolerância como categoria teológico-moral diante da violência

A leitura vattimiana da pós-modernidade ressalta o crescente caráter pluralista da cultura ocidental, o que implica em considerar os limites da verdade, assim como colocar o problema da tolerância numa situação sociocultural e ético-religiosa de pluralismo. Nesta situação cultural, surge o problema da posição que se deve tomar perante outros pontos de vista e outros comportamentos, partindo do pressuposto da não-aceitação de uma perspectiva ética totalmente relativista ou cética (Wolbert, 2001). Com a disseminação do mal sistêmico, tendo na violência sua expressão concreta, é relevante repensar o sentido teórico-prático da tolerância frente à violência. De fato, com este último pressuposto, seria possível justificar como reação quer a posição de uma total indiferença, quer também a da repressão.

Um dos aspectos desta situação cultural pluralista pós-moderna se caracteriza pela despedida da noção de verdade enquanto correspondência, presente tanto nas práticas políticas quanto na reflexão filosófica atual. Retomando as análises de Adorno e Heidegger, o filósofo de Turim ressalta o quando a compreensão metafisica da verdade pode desembocar na criação das ideologias, e implicaria na instauração de uma sociedade de organização total (Vattimo, 2016, p. 10). Longe de constituir um problema, Vattimo pensa que a perda do caráter objetivo da verdade se apresenta como condição para a democracia autêntica, assim como conduz a repensar a verdade em termos de interpretação: "Hoje, portanto, de modo muito mais claro que no passado, a questão da verdade é reconhecida como uma questão de interpretação, de aplicação de paradigmas que, por sua vez, não são 'objetivos' (pois ninguém os verifica ou falsifica, senão com base em outros paradigmas...), mas são uma questão de partilha social" (Vattimo, 2016, p. 15).

Esse novo paradigma de verdade do contexto pós-moderno se fundamenta na noção de interpretação: "não existe experiência da verdade que não seja interpretativa; eu não conheço nada que não me interessa, mas se algo me interessa é evidente que não o vejo de modo desinteressado" (Vattimo, 2016, p. 73). Pode-se dizer que a necessidade da interpretação está intimamente relacionada com a noção de tolerância, na medida em que nenhuma experiência está isenta de algum interesse, sendo também sempre parcial, incapaz de esgotar toda a compreensão sobre determinado aspecto evocado por essa experiência.

Pode-se dizer que a tolerância consiste em se abster de intervir na ação ou na opinião do próximo, mesmo que se tenha o poder de fazê-lo e mesmo que se desaprove ou não se aprecie a ação ou a opinião em questão. A tolerância relaciona-se, portanto, de maneira essencial com o que

é desagradável, aborrecido e moralmente repreensível. Pode-se, todavia, debater para determinar se a tolerância deve ser aplicada ao que é moralmente julgado como um mal, ou se também podemos ser considerados tolerantes quando nos abstemos de nos imiscuir nos atos e nas opiniões que achamos absolutamente desagradáveis (Mendus, 2003).

A tolerância é facilmente suportável, quando entram em jogo pontos de vista diferentes em relação a problemas estéticos, morais ou puramente formais. Nas questões morais ou religiosas é tanto mais difícil tolerar, quanto mais se consideram reprováveis as opiniões e as ações dos outros e quanto mais importante parecer ser a nossa convicção (Andreoli, 2018). Quando a tolerância se refere a uma virtude, entende-se que é uma atitude respeitadora das posições dos nossos semelhantes que têm convicções opostas.

Urge repensar este tema em chave ética a partir de uma perspectiva propositiva, resgatando elementos essenciais na discursividade reflexiva cristã. Propomos aqui alguns critérios éticos[7] que podem inspirar a uma ética cristã da tolerância em meio às fronteiras das intolerâncias que imperam hoje.

Um primeiro critério ético cristão de superação da intolerância estrutural dá-se numa profunda *tomada de consciência* diante de uma avassaladora situação de desrespeito e destruição do outro. Diante de uma imperativa cultura do "absoluto estranho"[8] presente hoje, é necessário resgatar uma salutar perspectiva de alteridade, cuja base bíblico-teológica, é perceptível na longa tradição cristã, onde o "rosto do outro" (Lévinas, 1997, p. 261), deveria ser uma categoria essencial para vencer a intolerância. O redespertar desta perspectiva de valorização do outro é fruto de uma longa história onde o mesmo (outro) foi esquecido, no horizonte de uma crise da civilização ocidental (Ricoeur, 2008). Com este esquecimento da diferença, a identidade afirma-se em detrimento do outro.

Então, por trás desta perspectiva filosófica, impõe-se a necessidade de fazer memória do outro, das vítimas, do silenciado, dos últimos, dos marginalizados e dos que a voz é silenciada. Isso será possível quando o "sonho do outro"[9] estiver presente na comunidade que acolhe a diferença e a diversidade. Portanto, na comunidade cristã, faz-se a experiência não apenas da memória da prática de Jesus Cristo, mas também do "rosto do outro", epifania do mistério da pessoa em relação de acolhida e abertura.

Um segundo critério ético cristão seria o da *promoção da paz*. Esta é uma constante na reflexão teológica. Discursos de ódio, fake news, polarizações, a diferença revoltante contra o outro, favorece um ambiente e comportamentos intolerantes. Impõe-se uma "naturalização" do mal e da violência, isto é, da intolerância, que apenas pode ocasionar mais divisão e distanciamento das pessoas entre si. É urgente reafirmar uma identidade-alteridade centrada na promoção da paz (Schio, 2011).

Uma análise sobre a paz pode ser tratada por diversos ângulos, como o filosófico, o histórico, o sociológico, o político e várias outros âmbitos. Do ponto de vista teológico, encontramos no evento Cristo o cume do cumprimento da mensagem veterotestamentária do *shalom*. Do silêncio da cruz à paz do ressuscitado (Mattai, 1997), edifica-se a grande novidade da tradição cristã, frente ao ódio e às intolerâncias de ontem e de hoje. O caráter pacífico e não violento, logo tolerante, do ensinamento de Jesus, encontra sua expressão no famoso discurso da montanha, que lança luz

[7] Os três critérios elencados aqui foram retomados do artigo segundo Almeida (2024).
[8] Expressão de Kehl (2002).
[9] Expressão aprofundada em Almeida (2019).

sobre toda a sua existência e prática de acolhida, hospitalidade e inclusão. Assim, a paz é uma dimensão essencial na prática dos cristãos rumo ao diálogo tolerante.

Um terceiro critério ético é propriamente o da *inclusão*. Se com a redescoberta e hospitalidade do outro em sua condição de presença única e a promoção da paz, cria-se um vínculo e afirmação do específico cristão frente aos muros de intolerâncias, com a inclusão, propicia-se a possibilidade de ultrapassar uma espécie de "espiral do silêncio e da violência"[10]. O tema inclusão é de certa forma recente na tradição ocidental. Ele em*erge* como um paradigma alternativo ou emergente em meio ao grande paradigma da modernidade.

Segundo Santos, aparecem novos "mapas sociais", isto é, representações e espaços que criam e possibilitam a transição de uma visão violenta e intolerante para a de uma inclusão pacífica (Santos, 2000, p. 15). Segundo ele, ao mesmo tempo que há uma nova sensibilidade ou senso emancipatório – baseado numa inclusão das diversidades – surge uma constelação de conhecimentos orientados para a solidariedade, o que necessita ser complementada pela reinvenção de novas subjetividades individuais e coletivas, capazes e desejosas de fazerem depender a sua prática social nesta constelação de conhecimentos (Santos, 2000).

Portanto, estes três critérios éticos, de inspiração cristã, aparecem como uma esperança concreta, como um novo formato de um mapa social que permite afirmar que há um paradigma de tolerância e paz diante de um antigo modelo de violência e intolerância. Percebemos que é necessária uma nova racionalidade em que o centro não seja um sujeito autocentrado ou ensimesmado, mas aberto à acolhida da alteridade. Desta abertura constrói-se um diálogo e comunicação que possa superar certas intolerâncias imperantes no bojo da cultura atual.

Considerações Finais

São muitos hoje, na chamada era pós-moderna, os desafios para a superação da violência, que conforme foi apresentada nesta reflexão, tem múltiplas faces e manifestações. Não é, portanto, tarefa fácil abordar tal temática, mas é urgente buscar caminhos de superação deste contexto tão desafiador. É possível, hoje, falar em uma cultura da violência. E neste sentido a violência também vai moldando o jeito de muitas pessoas viverem, lembra Boccato: "Cada cultura é expressão das indagações e ambiguidades do seu tempo e manifesta a experiência de busca do sentido, próprio do humano. Essa realização, a partir do seu vínculo consigo e com o meio onde vive, explicita a verdade profunda que cada um carrega em sua existência" (Almeida, 2023, p. 32). Assim, é necessária uma nova racionalidade voltada para a tolerância, o diálogo, a inclusão e a promoção da paz.

Nesse contexto, torna-se ainda maior a relevância, a urgência e a responsabilidade do fazer teologia moral. Uma teologia pautada na séria tomada de consciência sobre o agir humano. O que fazer diante de um contexto violento? Quais são os caminhos possíveis de construção de uma cultura de paz? Estas e outras questões devem brotar após a complexidade da temática levantada neste artigo. Em qualquer época, mas sobretudo em tempos de Pós-Modernidade, é fundamental reconhecer o fundamental papel de uma teologia moral atenta aos desafios concretos.

Aqui, a reflexão sobre a violência e a religião, também foi pautada a partir das contribuições de Gianni Vattimo. Pensador que ajuda na reflexão sobre o agir nesta era de pensamento fraco. Um agir comprometido com a realidade de cada época. Lembra Gonçalves ao evocar o *Pensiero Debole* de Vattimo em relação com a teologia da libertação "Deste modo, a salvação cristã não estará

[10] Expressão proveniente de Noelle-Neumann (2017). Esta teoria consiste na ideia de que na opinião pública há uma dominação subliminar de líderes que tentam pulverizar a diferença, afirmando uma ideia única.

isenta de historicidade e tampouco de contemporaneidade social, cultural e religiosa, mas estará integrada na história ou na realidade do homem" (Gonçalves, 2018, p. 409).

É desafiador definir aquilo se chama pós-modernidade; contudo, uma boa compreensão das suas características ajuda a entender melhor como lidar com os dramas próprios desta época. Existe, com clareza, marcas do provisório, efêmero, fútil e do temporário. Estas marcas no corpo da sociedade já desbancaram as ideias fechadas do imutável, do eterno e do fechado. É preciso levar a sério a sociedade que se reconhece nessa mudança de valores. A reflexão apresentada neste artigo buscou olhar para a realidade desafiadora de um contexto marcado pela violência, inclusive dentro da religião e fazer uma articulação com o pensamento de Vattimo. O autor apresenta suas ideias destacando a dimensão de conflitualidade e violência no tecido social, gerador de contrastes e novas formas de diálogo. Em Vattimo a fragilidade na busca por um consenso pode se tornar a possibilidade de um encontro entre os vários protagonistas sociais. Por fim, apresentou-se a tolerância como categoria teológico-moral diante da violência. Esta é uma dimensão essencial na busca pela superação das estranhezas e a falta de diálogo no contexto mais amplo da convivência humana. A tolerância, enquanto chave teológico-moral, é uma necessária categoria religiosa a ser proposta nos processos de encontros educativos nas várias instâncias de pertença e de diálogo humano.

Referências

A Biblia De Jerusalém. São Paulo: Paulinas, 1980.

Almeida, A. L. B. A violência entre o capitalismo de vigilância e a guerra híbrida. Uma reflexão teológica sobre a conflitualidade no cotidiano Brasileiro. *NUMEM – Revista de estudos e pesquisa da religião*, v. 27, n. 2, p. 107-123, 2024. Disponível em: https://periodicos.ufjf.br/index.php/numen/article/view/45761. Acesso em: 26 mar. 25.

Almeida, A. L. B. Sonhar a teologia moral ao alcance do povo. *In*: Anjos, M. F.; Zacharias, R. (org.). *Ética entre poder e autoridade*: perspectivas de teologia cristã. Aparecida: Santuário, 2019. p. 357-382.

Almeida, A. L. B. Sinodalidade e teologia moral: uma reflexão ética sobre a consciência moral no contexto do magistério do Papa Francisco. *Revista Pistis e Práxis – Teologia e Pastoral*. v. 15, n. 1, p. 30-43, 2023. Disponível em: https://periodicos.pucpr.br/pistispraxis/article/view/30026. Acesso em: 31 mar. 25.

Almeida, A. L. B. Ética, cuidado e tolerância em tempos de violências. Uma reflexão ético-teológica a partir da fronteira do diálogo e do cuidado. *Revista Contemplação*, Marília, n. 34, p. 1-14, 2024. Disponível em: https://revista.fajopa.com/index.php/contemplacao/article/view/414. Acesso em: 24 nov. 2025.

Andreoli, V. *Homo stupidus stupidus*: L'agonia di una civiltà. Quinto edizione. Milano: Rizzoli, 2018.

Bíblia de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2012.

Bourdieu, P. *O poder simbólico*. Lisboa: Edições 70, 2021.

Certeau, M. *L'invenction du Quotidien*. Paris: Gallimard, 1980.

Ferreira, V. P. *Cristianismo não religioso no pensamento de Gianni Vattimo*. Aparecida, Editora Santuário, 2015.

Ferreira, V. P. *Vulnerabilidade pós-moderna e cristianismo*. Aparecida: Editória Santuário, 2017.

Francisco, Papa. *Mensagem para a celebração do 50º Dia Mundial da Paz*. Roma. A Santa Sé: Vaticano, 2017. Disponível em: https://www.vatican.va/content/ francesco/ pt/messages/ peace/documents/ papa-francesco_20161208_messaggio-l-giornata mondiale -pace-2017.html. Acesso em: 26 mar. 2025.

Gibellini, R. *A teologia do século XX*. São Paulo: Edições Loyola, 1998.

Gonçalves, P. S. L. A evocação do pensiero debole na teologia da libertação. *Interações*. v. 13, n. 24, p. 391–413, 2018. Disponível em: https://periodicos.pucminas.br/interacoes/article/view/18597. Acesso em: 31 mar. 2025.

Habermas, J. *Zeitdiagnosen*. Frankfurt: Ed. Suhrkamp Verlag, 2003.

Kehl, M. R. *Sobre ética e psicanálise*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

Lévinas, E. *Descobrindo a existência com Husserl e Heidegger*. Lisboa: Instituto Piaget, 1997.

Mac Dowell, J. A. Que futuro para o cristianismo? Diálogo com G. Vattimo. *Interações*. v. 5, n. 7, p. 173–182, 2010. Disponível em: https://periodicos.pucminas.br/interacoes/article/view/6459. Acesso em: 21 mar. 2025.

Maia, A. G. B.; Oliveira, R. A. Kénosis e Caritas como chaves de leitura do cristianismo não religioso de Gianni Vattimo. *CONJECTURA*: *Filosofia E educação*, v. 26, e021050, 2021. Doi: https://doi.org/10.18226/21784612.v26.e021050.

Mattai, G. Paz e Pacifismo. *In*: COMPAGNONI, F.; PIANA, G.; PRIVITERA, S. *Dicionário de Teologia Moral*. São Paulo: Paulus, 1997. p. 920-927.

Mendus, S. Tolerância. Tolerância e pluralismo moral. *In*: Canto-Sperber, M. (org.). *Dicionário de Ética e Filosofia Moral*. v. 2. São Leopoldo: Unisinos, 2003, p. 699-704.

Minayo, M. C. S.; Souza, E. R. *Violência e saúde como um campo de interdisciplinar de ação coletiva. História, Ciências e Saúde* – Manguinhos, IV (3), p. 513-531, 1998. Disponível em: https://scispace.com/pdf/violencia-e-saude-como-um-campo-interdisciplinar-e-de-acao-tiq2xg0hkf.pdf. Acesso em: 26 mar. 2025.

Noelle-Neumann, E. *A espiral do silêncio*: opinião pública: nosso tecido social. Estudos Nacionais, 2017.

Organização Mundial de Saúde. *Relatório Mundial de Violência e Saúde*. Genebra: OMS, 2002.

Ricoeur, P. *Memória, história e esquecimento*. Campinas: Unicamp, 2008.

Santos, J. V. T. A violência como dispositivo de excesso de poder. *Sociedade e Estado*, v. 10, n. 2, p. 281-298, 1996.

Santos, B. S. *A crítica da razão indolente*: contra o desperdício da experiência. São Paulo: Cortez, 2000.

Schio, S. M. Hannah Arendt e a questão da paz. *In*: Cescon, E.; Nodari, P. C. (org.). *Filosofia, ética e educação*: por uma cultura da paz. São Paulo: Paulinas, 2011. p. 201-217.

Teixeira, F. O Pluralismo Religioso e a Ameaça Fundamentalista. *NUMEN – Revista de Estudos e Pesquisas da Religião*, v. 10, n. 1 e 2, 2010. Disponível em: https://periodicos.ufjf.br/index.php/numen/article/view/21672. Acesso em: 30 mar. 2025.

Vattimo, G. *Crer que se crê*: é possível ser cristão apesar da Igreja? Petrópolis: Vozes, 2018.

Vattimo, G. *Adeus à verdade*. Petrópolis: Vozes, 2016.

Vattimo, G. *Della realtà*: finni dela filosofia. Milano: Garzanti, 2012.

Von Zuben, N. A.; Souto, F. Q. Pensando com Vattimo: metafísica, violência e caridade. *NUMEN – Revista de Estudos e Pesquisas da Religião*, v. 24, n. 1, p. 88-105. 2021. Disponível em: https://periodicos.ufjf.br/index.php/numen/article/view/33367. Acesso em: 26 mar. 2025.

Wolbert, W. Tolerância. *In*: Leone, S. *et al. Dicionário de Bioética*. Aparecida: Santuário, 2001. p. 1079-1081.

Xavier, D. Teologia do domínio: a influência religiosa e o perigo da imagem do caos. *TEOCOMUNICAÇÃO – Revista da Teologia da PUCRS*, v. 54, n. 1, p. 1-11, 2024. Disponível em: https://pucrs.emnuvens.com.br/teo/article/view/46944. Acesso em: 16 mar. 2025.